

“HEY MACHÃO” NA PLATAFORMA XVIDEOS: PEDAGOGIAS DAS MASCULINIDADES NO PROJETO AUDIOVISUAL SEM CAPA¹

Maurício João Vieira Filho ²

Resumo

O objetivo deste trabalho é apreender o processo de construção de masculinidades proposto no projeto *Sem Capa*. Na plataforma pornográfica *Xvideos*, a iniciativa audiovisual tem 24 episódios desenvolvidos sob a intenção de “descomplicar o sexo”. A partir da mobilização de estudos das masculinidades, notamos a presença de elementos pedagógicos que interagem nas tramas discursivas da plataforma, entre usuários e idealizadores. A reflexão com o *Sem Capa* evidenciou que os criadores do projeto participam desse processo quando apresentam as experiências sexuais e dizem como ser homem gay. Lança-se, assim, uma economia desejante peculiar ao participar do estabelecimento de formas possíveis de subjetividades e identidades.

Palavras-chave

masculinidades; pedagogias das masculinidades; projeto Sem Capa.

Abstract

The objective of this paper is to apprehend the process of masculinities construction proposed in the project *Sem Capa*. On the pornographic platform *Xvideos*, the audiovisual initiative has 24 episodes developed with the intention of “making sex uncomplicated”. From reflections of masculinities studies, we note the mobilization of pedagogical elements that interact in the discursive plots of the platform, between users and creators. The reflection with *Sem Capa* showed that the creators of the project participate in this process by presenting their sexual experiences and telling how to be a gay man. It launches a peculiar desiring economy by participating in the establishment of possible forms of subjectivities and identities.

Keywords

masculinities; pedagogies of masculinities; Sem Capa project.

¹ Este artigo apresenta parte dos resultados da dissertação de mestrado defendida pelo autor em fevereiro de 2022, no Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGCOM/UFMG). A partir das contribuições e dos apontamentos da banca de professores avaliadores, os quais agradeço, esta versão é expandida e revisada.

² Doutorando no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGCOM/UFJF), na linha de pesquisa “Competência Midiática, Estética e Temporalidade”. Bolsista do Programa de Bolsas de Pós-graduação da mesma instituição (PBPG/UFJF). Mestre em Comunicação Social pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGCOM/UFMG). Graduado em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Integra o grupo de pesquisa DIZ: Discursos e Estéticas da Diferença (UFV). E-mail: mauriciovieiraf@gmail.com.

Introdução

“Vamos descomplicar o sexo”. Essa frase imperativa é o propósito do projeto *Sem Capa*, uma iniciativa audiovisual lançada em 2018. Com 24 episódios publicados na plataforma pornográfica *Xvideos*, o *Sem Capa* foi idealizado por João Pedro Sa, conhecido pelo apelido/nome artístico de Sa João, e seu namorado Charles, conhecido como Charlinhus. A ideia era desenvolver um espaço em que pudessem refletir sobre as relações sexuais entre homens sem utilizar subterfúgios que atrapalhariam alcançar o objetivo da inteligibilidade para seu público, como ilustrações, esquemas elucidativos ou representações em objetos que não condizem com o corpo. A ideia surgiu diante da necessidade constatada por eles de não haver produções midiáticas que falassem abertamente desse assunto ou que se distanciassem dos saberes biologizantes e médicos que regulam nossos corpos em zonas patológicas, de desvio ou imoralidade. Para tanto, eles mobilizam temáticas variadas entre saúde sexual, anatomia do corpo, tutoriais e relatos de si, mas que se entrelaçam no desenvolvimento da narrativa e buscam discuti-las com base em experiências próprias³.

As reflexões apresentadas no *Sem Capa* seguem modos similares para serem discorridas. Em geral, quem aparece em frente à câmera é Sa João, que ganha notabilidade pela centralidade de si adquirida ao longo do projeto. Nu e quase sempre realizando a abertura e o encerramento dos vídeos tendo relações sexuais com outros homens no quarto das gravações, ele caminha em direção à câmera, se assenta diante ao equipamento e começa a falar sobre uma temática específica em cada episódio. Em vídeos relativamente curtos, que oscilam entre 4 e 16 minutos, passam por formas de ensinar “como se faz algo”, por exemplo, o modo correto de se usar um preservativo, até explicar a anatomia do ânus e do pênis. Dessa forma, Sa João conduz o projeto até o limite em que suas experiências sexuais foram suficientes para respaldar o que falava e apresentava na tela. Excepcionalmente, dois vídeos se destoam dos demais: para abordar as temáticas fetichistas, um convidado é chamado para estar com Sa João à frente da câmera; e para apresentar questões da masculinidade de homens negros, Charlinhus assume a apresentação total do episódio. Essas excepcionalidades ocorrem pelo fato de Sa João sugerir que não tem vivência para abordar tais questões e garantir legitimidade ao discurso.

A publicação na *Xvideos* para *falar de sexo fazendo sexo* é outro recurso que deve ser salientado desde já. A princípio, os episódios eram disponibilizados na *Pornhub*, porém não tiveram continuidade e estão fragmentados na plataforma. Na *Xvideos*, por outro lado,

³ O *Sem Capa* está em: https://www.xvideos.com/amateur-channels/sa_joao. Acesso em: 2 fev. 2022.

permanece completo e alcança altas posições em ranqueamentos internos, mesmo sem ter novas publicações desde 2018. Ao todo, o somatório de visualizações ultrapassa a marca de 4,1 milhões. Categorizado como um “canal amador”⁴, o projeto tem elementos que esboçam atenção dos idealizadores com a pré e pós-produção antes da disponibilização do material online. Nesse conjunto de elementos que atravessam e fundam o projeto, recorrer a uma plataforma pornográfica é o modo pelo qual o *Sem Capa* consegue se sustentar e circular sem as amarras algorítmicas de outros espaços, que, conseqüentemente, trariam punições e banimentos para o conteúdo tido como explícito. Entre mostrar-se e camuflar-se, a *Xvideos* é o local no qual os requisitos dos termos de uso e as políticas de privacidade permitem a difusão dos episódios com sexo em evidência. Ao mesmo tempo, não é apenas utilizar o espaço como repositório, mas, sim, adentrar as lógicas comerciais para conseguir engajamento do público de homens gays e, assim, ter sucesso. Na linha do que diz Mariana Baltar (2011, p. 479), “no contexto da contemporaneidade, de um modo mais adensado ainda, ser visível é existir”. Logo, para o *Sem Capa* existir, deve-se fazer visível dentro da plataforma na qual se estabelece e jogar com as peças disponíveis ali para conseguir atrair a audiência pretendida.

Ao sublinhar essas características constitutivas do fenômeno, notam-se componentes que orientam o percurso de discussões neste trabalho. Diante disso, alguns fios pedagógicos emolados, com ramificações e fiapos possíveis de serem puxados para a reflexão, dizem respeito às *masculinidades*. Por se tratar de vídeos protagonizados por homens gays e encaminhados para homens gays, o objetivo deste artigo é refletir sobre a construção de masculinidades proposta no projeto *Sem Capa*. A intenção é entender como determinadas dinâmicas se apresentam como importantes na reafirmação das práticas de gênero e nas relações homossexuais. No caso, importam as masculinidades na e para a vida de homens gays.

Deve-se acentuar que “(...) masculinidade e feminilidade constituem-se como citações paródicas de comportamentos sancionados e historicamente consagrados, como atos performáticos que reproduzem – ou questionam – signos, gestos, atos e normas sociais de gênero e sexualidade” (QUINALHA, 2022, p. 37). De tal forma, os estudos sobre esse tema oportunizam questionar a construção do que é tido como experiências masculinas, as relações de gênero configuradas culturalmente e engendradas nas sociedades ocidentais, bem como se torna uma ação social de mudanças que implica em dúvidas e deslocamentos (CONNELL, 1995).

⁴ “Canal” é usado como sinônimo para o projeto. Não apenas pelo fato de a *Xvideos* o classificar como tal. Entende-se que, mesmo que esteja publicado no canal de Sa João, em meio a outras produções audiovisuais autorais, o *Sem Capa* se sobressai pela prevalência e quantidade de vídeos.

As discussões deste artigo se estruturam em dois momentos. Primeiro, com o aporte teórico sobre as masculinidades, sobretudo embasados em Raewyn Connell (1995) e Felipe Viero Kolinski Machado (2018), nota-se como as masculinidades são processos de constituição e instituição ao longo da vida. Depois, a partir do propósito pedagógico de “descomplicar o sexo” empreendido no decorrer dos vídeos do Sem Capa, sobretudo o 15º (“Hey Machão”), no qual Sa João se debruça sobre a temática das masculinidades, observa-se como o projeto exercita, discursivamente, como se deve ser, quais práticas são apreciáveis e quais tipos de desejos são almejados para as melhores experiências como homem gay na sociedade.

Apontamentos para pensar a configuração das masculinidades e os enredamentos nas relações homossexuais

Alterações no cenário social em diferentes partes do mundo insurgiram os debates públicos, sobretudo a partir dos anos 1960, e colocaram em foco reivindicações que vinham sendo elipsadas a respeito dos corpos e direitos sexuais das pessoas. (CONNELL, 1995; LOURO, 2003, 2019; MISKOLCI, 2020). Recapitular essas movimentações históricas permite entender como as masculinidades e feminilidades foram postas em evidência com as articulações feministas, de gays e lésbicas, impactadas pela epidemia de HIV, pelo movimento queer, pelas evoluções tecnológicas juntamente aos embaralhamentos das fronteiras públicas e privadas do cotidiano. Esse conjunto de mudanças sociais desestabilizaram pressupostas cristalizações de setores vistos como inatos da/na vida e perturbaram formulações científicas canônicas aclamadas como imutáveis (LOURO, 2003). Com esse gesto historicizante, apreende-se o rompimento com concepções naturalistas e biológicas que tentaram enquadrar os sujeitos em âmbitos ontológicos e essencialistas do que é ser homem e ser mulher, algo que seria inêxito e puro atribuído à correspondência de um dos dois sexos.

O binarismo é uma das principais formas de segmentar e operar o poder. Por meio da divisão entre extremos, marcam-se incompatibilidades e não transposições. Um polo sempre carrega a marca de “normal”, enquanto o outro tem atributos danosos para quem lhe for atribuído (QUINALHA, 2022). A identidade considerada positiva é normalizada para ser naturalizada e não ser questionada. Separar em dois polos consiste em uma divisão binária que se desmantela à medida que não consegue englobar todos os sujeitos. As estruturas de identidades tidas como únicas precisam ser desestabilizadas e compreendidas como plurais, heterogêneas, conflitantes, não estáveis e que não dão conta de serem universais (SILVA, 2000). Ao entender, porém, as “feminilidades e masculinidades em transição” (LOURO, 2003, p. 75), extravasam-se possibilidades de apreensão não só das pluralidades nessas constru-

ções de feminino e masculino, mas, também, do borramento de margens e dos trânsitos individuais e coletivos, bem como se abdica de perspectivas históricas biologizantes sobre os corpos que visariam uma pressuposta performance para o sujeito seguir.

Mais uma contribuição da historicização de gênero é o rompimento com ideias de papéis masculinos ou femininos, que correspondem a uma lógica de aprender e simplesmente reproduzir o que estava preestabelecido. Isso seria mascarar as relações de poder generificadas intrincadas nesse processo social (LOURO, 2014). Faz-se importante, portanto, mapear brevemente os modos como Connell (1995) apreende esse constructo histórico e cultural de significados forjados sobre como ser, proceder, se relacionar masculinos, que adquirem configurações de realidade ao serem incorporados durante os processos de aprendizagem dos indivíduos. Ao avançar, entende-se que “[a] masculinidade é uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero” (CONNELL, 1995, p. 188).

A pesquisadora destrincha a definição, ponto a ponto, para explicar a conceitualização proposta. Dessa maneira, acentua-se que os modos como cada um age estão relacionados com e impactados por questões políticas, econômicas, laborais, geográficas e temporais, ou seja, é um processo histórico atravessado pelas ações dos indivíduos e por fatores que estruturam mecanismos simbólicos na construção de sentidos sobre masculino. Uma situação, entre muitas, que ilustra nosso argumento advém da abundância de vídeos pornográficos na Xvideos e outras plataformas em circulação nos espaços online e que transbordam para a vida social. Cria-se, nesses espaços, uma economia de corpos associada e em disputa com modos de constituição de subjetividades produtores de ações, por exemplo, nas relações sexuais, na busca por parceiros e na vontade de se atingir certas características corporais desejantes.

Além de refletir os vínculos sociais dos processos, Connell (1995) pensa a masculinidade como materializada nos corpos. Nas ações corporais rotineiras, nota-se como o corpo considerado “masculino” se porta ou espera que deva se portar. “Isso não é coisa de menino ou de homem”, “menino veste azul e menina veste rosa”⁵, “homem tem que ser forte”, são algumas frases entoadas no cotidiano que reforçam e objetivam cristalizar posições do que é específico culturalmente para cada gênero. Não é à toa que uma música circulou nacionalmente no Brasil, a partir de 2014, cujo refrão entoava: “porque homem não chora

⁵ Esta frase foi dita pela ex-ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos do Brasil, Damare Alves, em 2018 após Jair Bolsonaro assumir a presidência como gesto de inauguração de um período no qual a “ideologia de gênero”, como aliados da extrema-direita política costumam designar, seria combatida. Quinalha (2019) escreve no texto “‘Menino veste azul, menina veste rosa’: uma polêmica inútil?”, uma crítica contundente ao que, naquele momento, sugeria a emergência de uma catástrofe contra as diferenças no governo que estava se iniciando. Hoje, constata-se como empreendimentos morais se arremataram na sociedade ao longo da consolidação bolsonarista no Brasil contemporâneo.

e não pede perdão”⁶. Esse é um dos paradigmas propagados culturalmente sobre “força” que faz parte de nossa formação e instiga um processo de constituição baseado em esconder sentimentos. Efetivamente, comportamentos, ações, aparências, anseios e reações são modulados como expectativas a serem alcançadas, idiossincrasia masculina e, mais ainda, engendrados nos corpos.

O terceiro combo do conceito quer avançar para além das conexões entre pessoas no seio social. É complexificar o entendimento de gênero em interseção com organizações e marcadores (CONNELL, 1995). Nessa esteira de considerações, o trabalho de Michael Kimmel (2008) aprofunda o diálogo para a apreensão das masculinidades ao incluir raça, idade, etnia e sexualidade como engendradas ao gênero. Um conjunto de fatores se interseccionam e complexificam as relações de gênero e devem ser ponderados em nossas análises. Essa mesma estrutura é marcada por afirmações, contradições e negações, ações que nos escancaram que trazer à tona o debate das masculinidades é vislumbrar a transitoriedade e processualidade que lhe é característico. De modo geral, a definição de Connell (1995) suscita questionamentos sobre quais valores estão em jogo nessa fabulação de masculino projetada para nós, em nossos corpos e nas relações de poder.

Não é possível, portanto, pensar em apenas uma masculinidade, como se houvesse apenas o modo único e global. Deve-se compreender masculinidades cujas maneiras de estruturar as práticas do que é tratado como homem/masculino são múltiplas e seguem ordenamentos temporais e espaciais distintos, por exemplo, o que é tido como homem na cultura ocidental varia, se contradiz, se transforma. Fugir dos essencialismos biologizantes é entender como fenômeno histórico carregado de significações, assim como atravessado por violências sobre os corpos.

Em vista das modificações, torna-se preponderante refletir sobre a masculinidade classificada como hegemônica, o que difere de ser um modo singular ou homogêneo. Raewyn Connell e James Messerschmidt (2013) revisam a literatura que abarca o conceito de masculinidade hegemônica em razão das apropriações e dos contornos que incorporaram significados em distintas áreas do conhecimento, formulações de pesquisas e, inclusive, digressões para outras dinâmicas sociais. A masculinidade hegemônica é composta por práticas e formas de exercer poder, logo não é transhistórica, quer dizer, que atravessa a história sem se alterar e se encaixa em qualquer sociedade, tempo ou espaço. Ao contrário, a masculinidade é

⁶ A canção “Porque homem não chora” do cantor Pablo foi lançada em 2014. O clipe oficial publicado no YouTube tem mais de 24 milhões de visualizações e foi postado no ano seguinte. O refrão repete as seguintes frases: “Estou indo embora, a mala já está lá fora / Vou te deixar, (vou te deixar) vou te deixar / Por favor não implora, porque homem não chora / E não pede perdão, e não pede perdão”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QLoZhUpzNzQ>. Acesso em: 19 nov. 2022.

uma constante variação (CONNELL, MESSERSCHMIDT, 2013). Para esse mecanismo, disputas estão presentes na tentativa de se consolidar, mas exigem o estabelecimento de ligações com outras masculinidades, com as quais determina uma escala hierárquica de privilégios entre os sujeitos. Consequentemente, estipulam normas para acesso, coerção dos indivíduos e marginalizações entre eles.

Entender as masculinidades hegemônicas como constructo ideal a ser performado, exige vislumbrar as multiplicidades, pois existem especificidades e jogos normativos múltiplos nessa disputa. A masculinidade hegemônica em privilégio social no sistema patriarcal engloba a ideia de superioridade do homem branco, cisgênero, heterossexual, rico, musculoso, etc. A hegemonia é a elevação de uma produção cultural a partir da qual adquire demarcações de padrão, por conseguinte, passa a ser um modelo de reprodução dentro de uma parte da população. Assim, a masculinidade hegemônica estabelece uma relação de subordinação com formas não hegemônicas. É necessário cuidado na apropriação do conceito e perceber, por exemplo, que há invisibilidades provocadas nessa subordinação para alguns homens gays, visto também que existem diferentes formas de participar desse jogo, em que, algumas vezes, utilizam-se meios de dominação para exercer poder nas relações e, por outras, tornam-se alvos de constrangimentos e violências (CONNELL, MESSERSCHMIDT, 2013).

Para ilustrar como existem masculinidades e como elas se arranjam nas relações, Guacira Louro (2017) escreveu um ensaio sobre três filmes westerns, conhecidos como filmes de faroeste ou de caubói, em que reflete sobre a construção de masculinidades nas representações dos personagens. Fortemente atravessados pelas supremacias de homens, os enredos têm características próprias que acentuam referências hierárquicas de gênero. Os personagens masculinos são separados entre vilões e mocinhos, porém ambos apresentam traços marcantes para um tipo de homem com poucas palavras, marcado pela força na conduta e na resolução de conflitos, que se revela corajoso nos confrontos e é indubitavelmente heterossexual – mesmo quando há relações sexuais entre eles, os personagens fazem questão de reafirmar práticas discursivas homofóbicas para ocultar qualquer desconfiança quanto a suas sexualidades e inibir qualquer desvio de um comportamento heterossexual. “Seus corpos, seus prazeres, seus códigos, sua linguagem instituem pedagogias de masculinidade” (LOURO, 2017, p. 33), o que aponta para uma construção masculina típica desse gênero de filmes. Talvez para esse tipo de representação de homem seja inconcebível fugir ou subverter qualquer prática que distancie do que se espera de um homem caubói, do faroeste, que enfrenta de forma destemida qualquer adversário, garante certa cumplicidade com seus parceiros e não transparece afetos.

Essa noção pedagógica de masculinidade supõe uma processualidade, algo que seguimos aprendendo pela vida por ser um processo cultural em que agimos sempre. Quando analisa os filmes de faroeste, Louro (2017) percebe uma forma de masculinidade, na qual se empreende aproximar de padrões hegemônicos do que é cultuado ser homem em aspectos de virilidade, coragem, músculos, brutalidade e características veneradas como de “macho” naquele tempo e espaço. Embora a pesquisadora implicitamente sugere, mas não se delonga sobre tal perspectiva⁷, o cinema, assim como tantas outras práticas midiáticas e comunicacionais, constitui espaços pedagogizantes na medida em que fazem parte do exercício de construção de subjetividades por meio das representações exibidas, dos códigos mobilizados, das cenas projetadas, das experiências em evidências e daquelas ora ocultadas.

Nessa perspectiva, Kolinski Machado (2018, p. 118), em diálogo com bases foucaultianas⁸ e pesquisadoras como Rosa Fischer (2002), trabalha o conceito de “dispositivos discursivos de masculinidade” nas análises das revistas *Junior* e *Men’s Health Portugal*. O caminho teórico é semelhante e em articulação ao que apresentamos em Louro e de grande valia para expandir nossa argumentação, visto que Kolinski Machado (2018, p. 118) apreende tais dispositivos como “(...) aparatos que, inseridos em determinada ordem discursiva, dão a ver quais são as possibilidades (e as impossibilidades) de se ser e de se estar no mundo como gay e como homem heterossexual”. Nas tramas discursivas, há elementos pedagógicos integrados que incitam os processos de subjetivação, de constituição do corpo e reiteram determinadas normas de gênero e também de sexualidade, visto que, como Kolinski Machado e Mendonça (2021) suscitam, deve-se afirmar sempre aquilo que se é em contraposição ao que não é. Portanto, a norma heterossexual está presente nesses processos identitários e agindo na vida cotidiana.

O desenvolvimento da pesquisa de Kolinski Machado (2018) revelou como a *Men’s Health Portugal* é um dispositivo acentuado estrategicamente pela pedagogia ao exibir e explorar em suas capas, páginas e processos de edição como um “homem” deve ser e condizer com certa masculinidade hegemônica. Ao pavonear músculos em seu conteúdo, a revista insiste em exibir um corpo que poderia ser dominante em relações de poder e reconhecido como desejável culturalmente (KOLINSKI MACHADO, 2018). Outro exemplo discutido pelo pesquisador, em parceria com Carlos Mendonça, refere-se aos cânticos homofóbicos entoa-

⁷ Para apreensão das ações pedagógicas que educam os corpos, Pedagogias da sexualidade de Louro (2019) contribui no entendimento dos investimentos normativos nas vidas.

⁸ O conceito de dispositivo em Michel Foucault (1980) diz de diferentes composições que envolvem dito e não dito. Com mais detalhamento, o dispositivo da sexualidade trata das relações de poder que constroem significados e disputas sobre desejos, prazeres e indivíduos cujo alvo é o corpo a ser regulado, bem como afetar nosso ser e estar no mundo (FOUCAULT, 1999).

dos por torcedores em partidas de futebol (MENDONÇA, KOLINSKI MACHADO, 2021). Existe ali uma forma de poder cuja ação visa legitimar o espaço dos campos de futebol, do esporte e das torcidas como masculinos, assim como consiste na redução do adversário atrelando-o a uma sexualidade considerada desviante da heterossexualidade e que, por sua vez, atrapalha o pacto masculino formado. Ao chamar a torcida do time rival por um xingamento homofóbico, a tentativa discursiva engendrada é de ofender o adversário como “menos homem”. Mendonça e Kolinski Machado (2021, p. 14, grifo nosso) consideram que “[o]s cânticos repetidos, as performances executadas e as emoções explicitadas são *didaticamente empregados*, produzindo uma lógica de atitudes fundamental para o tipo específico de fruição dos espetáculos futebolísticos nos estádios”. Desse modo, a masculinidade age nessa situação de comunicação de forma machista e homofóbica, com vistas a produzir ameaça e ódio contra todos os indivíduos violentados socialmente por não serem homens heterossexuais. Conforme concluem, os discursos homofóbicos do futebol circulam para outros locais e geram danos sociais. Ademais interagem e se unem a outras práticas homofóbicas presentes nas violências do cotidiano.

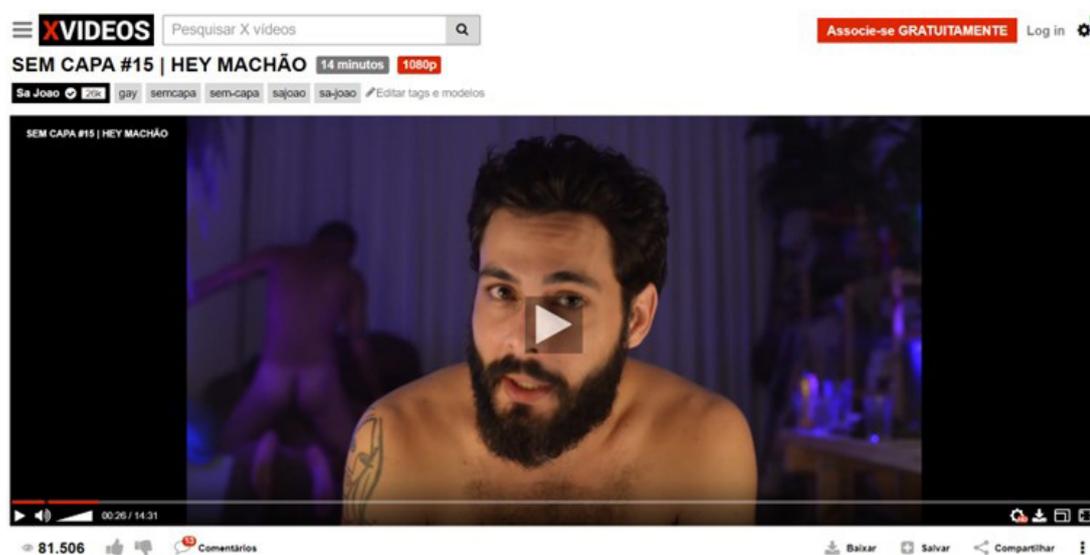
Ao convocar exemplificações, vislumbra-se que, ambas as situacionalidades, dizem de formas específicas por meio das quais o exercício da masculinidade se arranjou por performances de gênero. Nesse sentido, trazer essas notas sobre a construção da masculinidade é um gesto para a reflexão com o fenômeno proposto neste trabalho. Embasado nas proposições de José Luiz Braga (2008), triangulam-se as discussões conceituais supracitadas, o *Sem Capa* e o objetivo da problematização. Esse caminho metodológico possibilita problematizar como o projeto audiovisual se entrelaça às masculinidades.

Masculinidades em operação no projeto *Sem Capa*

“Ser um homem feminino não fere o seu lado masculino? O que é ser masculino? O que é ser feminino?” Esses questionamentos são realizados por Sa João nos segundos iniciais do 15º episódio “Hey Machão”⁹, direcionando as indagações para seu público.

⁹ “Hey Machão” está disponível em: https://www.xvideos.com/video37770879/sem_capa_15_hey_machao. Acesso em: 12 jun. 2022.

Figura 1 - Frame do episódio “Hey Machão” com Sa João em primeiro plano



Fonte: https://www.xvideos.com/video37770879/sem_capa_15_hey_machao

Embora o começo da fala sugere questionamentos sobre as estruturas das relações de gênero, o argumento seguinte de Sa João retoma aspectos do essencialismo – seleção natural, formação fetal, DNA e hormônios –, reforçando a ideia de papéis, para chegar em um entendimento de construção social. Porém, ele une fisiologia à cultura em determinado ponto para frisar as diferenças e as singularidades entre indivíduos. Tendo tal episódio como expoente das discussões, em articulação com os demais vídeos do canal, caminha-se para compreender como as masculinidades são abordadas e se emaranham à trama do *Sem Capa*.

Importante frisar que toda essa exposição conduzida por Sa João se articula a outros aspectos mais gerais do canal. Sobretudo, a proposta de “descomplicar o sexo” é atravessada pela ação de desmistificação das relações sexuais entre homens, o que se assemelha à naturalização das sexualidades. Valer-se desse artifício é uma estratégia para potencializar a busca pela audiência em uma plataforma pornográfica, a qual tem como finalidade mercadológica a angariação de lucros a partir de conteúdos sexuais. Logo, para que a proposta se solidifique, é necessário trazer elementos característicos da pornografia para frente da câmera. Há episódios nos quais seu corpo é o centro da cena, com o enquadramento nas genitálias para ensinar “como se faz algo”, característica necessária para “descomplicar”.

Em diálogo, utiliza-se da máxima visibilidade como artifício para garantir realidade e veracidade à reflexão projetada. Dar a ver os corpos em cena e, mais estritamente, suas genitálias em cena são meios da pornografia para garantir visibilidade aos prazeres e desejos permitidos (BALTAR, 2011). No *Sem Capa*, o corpo de Sa João é fulcral para o projeto e se

sobressai, praticamente, em todos os episódios publicados. Com a máxima visibilidade de seu corpo e de suas práticas sexuais, o canal coloca em voga um tipo de masculinidade em evidência associada ao corpo musculoso, jovem, viril e branco, tal como ter um pênis cujos aspectos de tamanho, fundamentalmente, são condizentes com ideais de masculino. Assim, cria-se uma atmosfera de corpo desejável para ser homem gay. E cabe destacar que ser homem gay na sociedade e que se relaciona com outros homens está intrínseca e esteticamente relacionado com corpos desejáveis em termos de músculos, força, jovialidade, virilidade, libido e potência, assim como com corpos desejantes de tais características físicas. Em suma, corpos que não sejam dissidentes em nenhum quesito físico e estético apreciado culturalmente.

Outro adendo crucial para esta argumentação são as questões interseccional, visto que permitem entender os atravessamentos entre múltiplas categorias, como raça, etnia, sexualidade, idade e gênero, engendrando complexidades nessa processualidade da masculinidade no *Sem Capa*. A centralidade de Sa João é um atributo que converge ao modelo pedagogizante construído na narrativa dos episódios. Embora há dois episódios voltados para fetiches nas relações sexuais e para masculinidades negras, que se organizam pela excepcionalidade no modo de apresentar, haja vista que Sa João diz não poder ancorar as discussões por reconhecer sua ausência de vivências sobre os temas, o tensionamento e a reiteração de uma pedagogia de corpo desejável e condizente com ideais da homossexualidade são trazidos em voga e se sobressaem no conjunto do projeto.

Mesmo se questionarmos se o *Sem Capa* é pornográfico ou não, pergunta que aparenta ser menos necessária nesse contexto de produção midiática e que visaria atingir um enquadramento normativo, sua construção opera com a máxima visibilidade (BALTAR, 2011), seja pela exibição do corpo de Sa João, seja seu pênis, seu corpo musculoso ou de sua bunda, sejam as performances sexuais colocadas em momentos estratégicos de captura do espectador (início e fim dos vídeos). Junta-se a mobilização de elementos estéticos à narrativa desenvolvida com base nos aconselhamentos como tutoria para os espectadores se basearem e terem respostas para possíveis dúvidas sobre a vida sexual. Logo, nota-se que a interação pornográfica participa da constituição de um tipo, entre tantos, de masculinidade por meio da mostra do corpo cobiçável, focalização na performance sexual em cena e nas construções discursivas dos idealizadores, sobretudo biográficas e de destaque para Sa João, indicando como ser homem gay.

Por ser um canal cujo interesse se desdobra na homossexualidade, configura-se um espaço de interação onde homens podem consultar e aprender sobre temáticas do sexo que atravessam também o campo das masculinidades. Quando se volta para os comentários,

recurso possível de ser visto publicamente na plataforma, acontecem exposições do público que passam por elogios, assédios, questionamentos, críticas ou aderências ao que é mostrado, entre outros pontos de vista (VIEIRA FILHO; LEAL, 2021). Nos mais de 500 comentários encontrados no Sem Capa, no que tange às masculinidades, observa-se a referência ao culto do pênis, principalmente em razão de tamanho, assédios direcionados ao idealizador do canal e pontuações sobre o próprio corpo e o de Sa João¹⁰. Para ilustrar, os seguintes exemplos indicam o que quem assistiu ponderou: “Que homem gostoso meu Deus.” (*sic*); “adorei seu canal e que rola linda voce tem bem voce e todo lindo um tesãooooooooooooo” (*sic*); “Olá Sá João! Saiba que curto demais o seu canal. Reflito e aprendo muito contigo apesar dos meus quase 60 anos. Você é simples e prático. Sem muitas delongas. Isso é ótimo. Obrigado mesmo por tudo. E, é claro, que não poderia deixar de dizer que você é uma delicia. Valeuuuu... e te "vejo" no próximo vídeo da quinta-feira. Beijo PS: faço sempre propaganda positiva do seu canal e não há quem não o curta bastante assim como eu.” (*sic*); “Delicia demais esse homem gente, vontade de chupar esse pau.” (*sic*). Por outro lado, existem reivindicações, sugestões e críticas do que não foi contemplado na elaboração do canal: “kkkkkkkkkk tem um cara falando de machismo às avessas no mundo gay kkkkkk só rindo msm” (*sic*); “Olá, João, parabéns pelos vídeos. Sugiro que seja convidado um homem trans para falar sobre sexualidade. E claro, poderia haver homens trans participando da surubinha lá atrás.” (*sic*); “Fala sobre os pênis que quando flácidos são pequenos e o outros como o seu que sempre parecem grandes.”. E ainda há quem concorde com a argumentação de Sa João, por exemplo: Parabenizo o vídeo porque eu vejo como no meio LGBT existe a inferiorização sobre o que é ser um homem feminino. Eu sou o considerado discreto, mas nem por isso eu acho certo fazer pouco ou me achar privilegiado por não demonstrar ser gay. Acho que não deveria existir tanto machismo no nosso meio. Realmente vou rever meus conceitos sobre” (*sic*). Ao pincelar alguns comentários, confirmam-se eixos centrais em torno da masculinidade erigida nessa situação de comunicação entre projeto, idealizadores e público, contudo permeada por dúvidas, te(n)sões e exaltações, mesmo que o canal não responda nenhuma pessoa¹¹. Como se constata, os comentários recaem em lugares cristalizados do que seria tipificado como masculino no argumento de Connell e Messerschmidt (2013).

¹⁰ Cabe explicitar que, como um gesto de cuidado para evitar identificações dos usuários, mesmo aqueles cujos nomes não indicam de fato quem são, optamos por não trazer o username, mas apenas o que foi dito publicamente, sem corrigir palavras ou adaptar as frases.

¹¹ Para fluidez, não é referenciado o respectivo vídeo do qual o comentário faz parte. Ao suprimir essa informação, entende-se que a completude do Sem Capa denota questões gerais cotejadas neste texto ao trazer em evidência a temática das masculinidades.

Os “dispositivos discursivos das masculinidades” (KOLINSKI MACHADO, 2018) atravessam o *Sem Capa*, em especial seus idealizadores quando se apresentam e discutem as próprias experiências sexuais, e dizem como ser homem gay em nossa cultura. O *Sem Capa*, portanto, é um dispositivo discursivo de masculinidade que lança uma economia desejante peculiar ao participar do estabelecimento de formas possíveis de subjetividades e identidades, tal como as significações de corpos e masculinidades propostas nas revistas *Junior* e *Men’s Health Portugal* estudadas por Kolinski Machado (2018), que assinala justamente que as disputas e as colisões de sentidos possibilitam a emergência de formas distintas de ser homem na sociedade.

Vale salientar que, em certa medida, o protagonismo de Sa João traz em cena performances de masculinidade desviantes do constructo hegemônico, visto que rompe com atributos dos discursos heteronormativos circulantes e transita por aspectos considerados atrelados à feminilidade nos episódios. Nesse ponto, é interessante ressaltar a abertura dos vídeos, mesmo com as imagens ofuscadas, evidenciam-se momentos em que Sa João está sendo penetrado na relação sexual (passivo), o que desconstrói, em partes, noções enraizadas ao papel de “atividade sexual” como sinônimo estrito de masculinidade. Por corresponder à “versatilidade”, possibilidade entre o binarismo que simboliza fluidez e alternância de posições sexuais durante a relação sexual, Sa João enfatiza a necessidade de ter relações com penetração em sua vida, o que novamente centraliza o protagonismo da experiência. Essa afirmação está no 12º episódio “Bora sarrar”.

Por fim, é crucial apreender que o *Sem Capa* firma-se em um conjunto de pedagogias para cumprir o objetivo almejado de descomplicar o sexo. Esse lugar de controle, que passa pelos corpos e pelos desejos, tem uma de suas faces voltada para a masculinidade, mais estreitamente para masculinidades gays, o que revela a marcação da diferença nas lógicas heteronormativas que vigoram socialmente. Conforme Louro (2003, p. 78):

[o]lhar para os processos que produzem as diferenças vai muito além de contemplar a pluralidade da sociedade; significa prestar atenção para o jogo político implicado na ‘feitura’ das diferenças, significa perceber as disputas, os conflitos e as negociações constitutivos das posições que os sujeitos ocupam (LOURO, 2003, p. 78).

E, nesse caminho de complexificar o que marca a diferença e a outridade, o *Sem Capa* não se aprofunda nesse questionamento e, assim, os discursos sobre o corpo, o gênero e a sexualidade se esvaem em contradições que ora naturalizam lugares canonizados do que é aceitável na cultura ocidental e ora de romper com certas amarras a partir das relações sexuais entre homens.

Considerações finais

Neste texto, refletiu-se sobre a construção de masculinidades no projeto *Sem Capa*. A discussão teve como ponto de partida a mobilização teórica de intelectuais que trabalham com as questões de gênero, tendo a abordagem voltada para masculinidades. Se gênero é uma relação social, em construção histórica atravessada pelo poder, em que as pessoas são afetadas (SCOTT, 1995), as masculinidades integram marcadores que visam organizar a experiência do que é tomado como homem na cultura ocidental. Nesse sentido, baseado por leituras foucaultianas, percebe-se que os “dispositivos discursivos de masculinidade” (KOLINSKI MACHADO, 2018) agem para engendrar em nossas vidas o que seria considerado masculino e, de modo coercitivo ou tácito, efetiva-se em nossas ações rotineiras, nos produtos midiáticos e em variadas organizações que estruturam nossas relações.

O *Sem Capa* torna-se um espaço de disputa por imaginários corporais masculinos, dito por outras palavras, significa que ao assumir a centralidade dos episódios com exposições de sobre si e suas experiências sexuais, Sa João torna-se parâmetro de desejos associados ao que seria tido como masculinidade de homens gays. Assim, ser jovem, ter músculos aparentes, ter virilidade são algumas das características eminentes na construção da narrativa do “descomplicar o sexo”, como pode ser visto. Em razão de ser um projeto audiovisual hospedado na *Xvideos* e jogar com possibilidades de exibir nudez e relações sexuais na plataforma, os recursos permitem mostrar uma configuração de corpo e ações que se lançam como orientações e referências de como vivenciar a homossexualidade hoje.

Ao considerar todo esse processo de pedagogias das masculinidades, têm-se que o projeto exercita modos de performar ser homem gay condizentes com atributos físicos, mas o imperativo de como ser e viver recai sobre como Sa João experiencia sua homossexualidade. As práticas apreciáveis como masculinas estão, fundamentalmente, ligadas às relações sexuais e aos modos como se deve fazer sexo, bem como aos desejos trazidos para as falas nos episódios concentram-se no que é possível e admitido como ser homem gay. Logo, os sentidos sobre masculinidades gays se limitam em pedagogias que incitam o aprendizado do sexo, mas dentro de certos parâmetros das normas culturais.

Referências

BALTAR, Mariana. Evidência invisível – Blowjob, vanguarda, documentário e pornografia. *Revista Famecos*, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 469-489, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2011.2.9470>. Acesso em: 18 out. 2022.

BRAGA, José Luiz. Comunicação, disciplina indiciária. **MATRIZES**, [s. l.], v. 1, n. 2, p. 73-88, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v1i2p73-88>. Acesso em: 26 jun. 2021.

CONNELL, Raewyn. Políticas da masculinidade. **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, p. 185-206, 1995. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1224/connel_politicas_de_masculinidade.pdf?seq. Acesso em: 28 nov. 2021.

CONNELL, Raewyn; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, v. 21, p. 241-282, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100014>. Acesso: 2. dez. 2021.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 151-162, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022002000100011>. Acesso em: 20 set. 2021.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 13. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

FOUCAULT, Michel. The confession of the flash. In: FOUCAULT, Michel. **Power/Knowledge: Selected Interviews and Other Writings 1972-1977**. Pantheon: New York, 1980, p. 194-228.

KIMMEL, Michael. Los estudios de la masculinidad: una introducción. In: CARABÍ, Àngels; ARMENGOL, Josep M. **La masculinidad a debate**. 1. ed. Barcelona: Icaria editorial, 2008, p. 15-31.

KOLINSKI MACHADO, Felipe Viero. **Homens que se veem: masculinidades nas revistas Junior e Men's Health Portugal**. 1. ed. Ouro Preto: Editora UFOP, 2018.

LOURO, Guacira. **Flor de açafreão: takes, cuts, close-ups**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

LOURO, Guacira. Feminilidades e masculinidades em transição. ex aequo - **Revista da Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres (APEM)**, Oieras, v. 7, p. 71-80, 2003. Disponível em: <https://exaequo.apem-estudos.org/artigo/feminilidades-e-masculinidades-em-transicao>. Acesso em: 14 fev. 2021.

LOURO, Guacira. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

LOURO, Guacira. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

MENDONÇA, Carlos Magno Camargos; KOLINSKI MACHADO, Felipe Viero. “Ô bicharada, toma cuidado: o Bolsonaro vai matar viado!” Cantos homofóbicos de torcidas de futebol como dispositivos discursivos das masculinidades. **Galáxia**, São Paulo, v. 46, p. 1-18, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-2553202146768>. Acesso em: 15 out. 2022.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.

QUINALHA, Renan. “Menino veste azul, menina veste rosa”: uma polêmica inútil? 2019. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/menino-veste-azul-menina-veste-rosa/> Acesso em: 26 set. 2022.

QUINALHA, Renan. **Movimento LGBTI+**: uma breve história do século XIX aos nossos dias. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2022.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, 1995, p. 71-99. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>. Acesso em: 15 out. 2022.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 73-102.

VIEIRA FILHO, Maurício João; LEAL, Bruno Souza. Te(n)sões no projeto Sem Capa: debates sobre pornografia e pós-pornografia a partir das interações dos espectadores. In: IRINEU, Bruna Andrade et al. (Orgs.). **Diversidade sexual, étnico-racial e de gênero**: saberes plurais e resistências. 1.ed. Campina Grande: Realize Editora, 2021, v. 1, p. 2556-2566.